

Educação em Tempos de Pandemia: Limites e Potencialidades Segundo a Percepção dos Estudantes de uma Escola Estadual do Rio de Janeiro

Education in Times of Pandemic: Limits and Potentialities According to the Students' Perception at a State School in Rio de Janeiro

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v10i2.1317

Jocilea de Souza Tatagiba^{1*}

Lucilene de Souza Tatagiba²

^{1,2} Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. R. da Ajuda, 5 – Centro – RJ - Brasil

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. R. Gen. Manoel Rabelo, s/n - Vila São Luís, Duque de Caxias – RJ - Brasil * jocileatatagiba@gmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro. Avenida Athos da Silveira Ramos, 149 Ilha do Governador – RJ - Brasil

Resumo

Este artigo teve como objetivo relatar a experiência de alunos do ensino médio de uma escola pública estadual que aderiu ao uso da plataforma de ensino Google Classroom, possibilitando identificar as contribuições e limitações de sua utilização. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário contendo três perguntas, a partir das quais se pôde analisar o uso da plataforma e as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos. Percebe-se que o acesso à internet se configurou como um dos principais fatores limitantes para a utilização da plataforma como um ambiente de aprendizagem. Por outro lado, os recursos disponíveis na plataforma proporcionam uma interação entre os professores e os alunos que, segundo os discentes, contribuem para o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino remoto. Plataforma on-line. Aprendizagem.



Recebido: 24/11/2020

Aceito: 28/06/2021

Publicado: 30/06/2021

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: TATAGIBA, J. S.; TATAGIBA, L. S. Educação em Tempos de Pandemia: Limites e Potencialidades Segundo a Percepção dos Estudantes de uma Escola Estadual do Rio de Janeiro. *EaD em Foco*, v. 11, n. 2, e1317, 2021

DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i2.1317>.

Abstract

This study aimed to report the experience of high school students from a state public school which adhered the Google Classroom teaching platform, making it possible to identify the contributions and limitations of its use. The data collection was done with a questionnaire containing three questions that helped analyze the use of the platform and the main difficulties faced by students. It is noticed that internet access was configured as one of the main limiting factors for the use of the platform as a learning environment. On the other hand, the resources available on the platform provide an interaction between teachers and students who, according to the students, contribute to the teaching and learning process.

Keywords: Remote education. Online platform. Learning.

1. Introdução

Nunca se falou tanto em Educação a Distância (EaD) como durante a pandemia, em 2020. A Covid-19, doença transmitida por um vírus, que se espalhou pelo mundo inteiro, a começar pela China, trouxe mudanças para toda a sociedade, impactando a economia mundial e, conseqüentemente, o ensino. Segundo Backes et al. (2020):

O novo coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada por um novo vírus, nunca antes identificado em humanos. Ele causa uma doença respiratória semelhante à gripe e tem sintomas como tosse seca, febre, dispneia, mialgia ou fadiga e, em casos mais graves, pneumonia; além disso, tem alta transmissibilidade. Uma pessoa infectada espalha a doença, em média, para duas ou três outras, o que representa uma taxa de aumento exponencial em poucos dias (BACKES et al., 2020, p. 2).

Desde o início da pandemia no Brasil, vimos que o sistema educacional sofreu fortes transformações. Buscando por uma solução temporária, os governantes autorizaram a adoção de uma espécie de educação on-line a fim de minimizar os prejuízos aos estudantes, inclusive na educação básica. Começava então o ensino remoto, que não deve ser confundido com EaD, uma vez que esta é uma modalidade de ensino que possui uma estrutura política e tem uma metodologia própria que permite a flexibilização do aprendizado. Nesse sentido, o decreto 9.057/17 que regulamenta o artigo 80 da Lei 9.394/96 considera a educação a distância como:

modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, 2017).

Já o ensino remoto emergencial é uma experiência nova que surgiu durante o período da pandemia, como alternativa para amenizar os impactos na aprendizagem dos estudantes, cujas aulas até então ocorriam de forma presencial. Na perspectiva de Arruda (2020),

A educação remota emergencial pode ser apresentada em tempo semelhante à educação presencial, como a transmissão em horários específicos das aulas dos professores, nos formatos de lives. [...]. Ela também pode envolver mais iniciativas da EaD, implementando ferramentas assíncronas (que funcionam de forma não instantânea, como fóruns de discussão) e melhor estruturação de materiais. Pode também envolver a transmissão de conteúdos por TV, rádio ou canal digital estatal, de forma mais massiva e emergencial. (ARRUDA, 2020, p. 266)

Na educação remota, professores e alunos se encontram distantes no espaço geográfico, porém, há uma adaptação temporária do modelo seguido na educação presencial, em que se mantém o horário das aulas e os professores responsáveis pelas disciplinas customizam e/ou criam os materiais que serão utilizados para a realização das atividades (slides, vídeos, entre outros. (ALVES, 2020). Dessa forma, é possível perceber que a educação remota on-line se diferencia da EaD “pelo caráter emergencial que propõe usos e apropriações das tecnologias em circunstâncias específicas de atendimento onde outrora existia regularmente a educação presencial.” (ARRUDA, 2020, p. 257).

Nesse contexto, escolas que até então não ofereciam amplo acesso a computadores e à internet tiveram que realizar suas atividades por meio de uma plataforma digital. A rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, por exemplo, adotou a plataforma *Google Classroom*¹ (*Google Sala de aula*) na educação básica.

2. O uso de plataformas e a aprendizagem

Carvalho (2007) enfocou a diversidade de recursos disponíveis por meio das redes, que criam oportunidades para que professores e alunos desenvolvam uma aprendizagem autêntica. Porém, é necessário dedicar tempo para a pesquisa e exploração desses recursos. Segundo a autora, “para todas as disciplinas há conteúdos, actividades [sic] com correcção [sic] automática, simulações e jogos” (CARVALHO, 2007, p. 28). Ela descreveu a experiência de utilizar plataformas on-line como instrumento de aprendizagem:

As plataformas facilitam a disponibilização de recursos em diferentes formatos como texto, vídeo e áudio, apontadores para sites, avisos aos alunos, interacção [sic] professor-alunos através de ferramentas de comunicação, ferramentas de apoio à aprendizagem colaborativa e registo das actividades [sic] realizadas pelos alunos (CARVALHO, 2007, p. 32).

No entanto, vindo de encontro à realidade experimentada pelas redes de ensino da educação básica, especialmente nas redes públicas, nesta época de pandemia, Carvalho (2007, p. 35) já havia destacado que “a plataforma exige do professor conhecimento da tecnologia, criatividade e muita dedicação para conceber e dinamizar actividades [sic]”. Talvez por isso, o que se tem observado é que muitos professores entraram em desespero ao serem impelidos à adesão daquela metodologia de ensino sem uma capacitação prévia, pois não sabiam manipular a nova ferramenta, e o receio era que os seus alunos não tivessem uma aprendizagem de qualidade.

Vianna (2009) discorre sobre os avanços do mundo digital, apontando para um problema que estamos presenciando hoje: a desigualdade no acesso. Além desse enfoque, o autor destaca, também, a necessidade de uma transformação da prática docente, alegando que: “ao envolver-se no mundo virtual, o docente poderá exercer com maior eficiência a mediação entre objetivos, conteúdos e metodologias necessárias

¹ O Google Classroom é um ambiente virtual de aprendizagem. Disponível em: <<https://edu.google.com/intl/pt-BR/products/classroom/>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

para estimular no aluno o processo de auto formação [sic] continuada” (VIANNA, 2009, p. 2). Ele ainda reitera a importância de o professor estar preparado para uma demanda crescente de alunos analfabetos digitais. O autor se refere a alunos que chegam ao ensino superior sem conhecimentos básicos de informática, essenciais tanto para a vida acadêmica como para a vida social e profissional desses estudantes.

Concordando com esses teóricos, a pesquisa de Tatagiba (2017) teve como objeto de estudo a plataforma on-line Mangahigh que, além de jogos digitais voltados para a aprendizagem matemática, continha também exercícios no formato de quizzes temáticos. O objetivo da investigação era analisar a percepção dos docentes que utilizavam tais recursos. E uma das situações observadas foi que a capacitação dos professores configurou uma ação muito importante para que a realização das atividades tivesse êxito.

Vários estudos apontam para a habilidade que crianças e jovens têm em relação ao uso de tecnologias, tanto que Prensky (2001) criou as expressões “nativos digitais” e “imigrantes digitais” para classificar a sociedade de acordo com essa habilidade. Posteriormente, o próprio autor as substituiu pela expressão “sabedoria digital”, uma vez que o indivíduo, apesar de não ter nascido ou crescido em meio aos recursos tecnológicos, pode desenvolver tais habilidades. Reforçando essa ideia, Bannell et al. (2016) diz que:

Crianças e jovens com acesso a tecnologias digitais desenvolvem sozinhos, e principalmente em parceria com seus pares, importantes habilidades para o uso da internet e dos recursos disponíveis em seus equipamentos eletrônicos, em especial aqueles relacionados à comunicação interpessoal - redes sociais, comunicação em tempo real, transferência de dados (voz, som e imagem), jogos eletrônicos, entre outros (BANNEL et al., p. 69).

Todavia, devido à implantação do sistema de ensino remoto, às pressas e sem nenhuma preparação, percebemos que muitos desses estudantes não têm tanta facilidade em manusear uma plataforma voltada para a aprendizagem. Fato já observado por Vianna (2009) e por Alves (2020). Pela falta desse conhecimento, bem como pela inusitada mudança no formato didático-pedagógico, muitos alunos se queixavam tanto da organização da plataforma como da manutenção da rotina de seus estudos. Eles reclamavam por não saberem usar os recursos da plataforma, por não terem condições financeiras para acesso à plataforma, afinal muitos não tinham computadores ou celulares à disposição (às vezes, com internet de dados móveis), ou então, a família só dispunha de um aparelho para mais de uma criança estudar na mesma casa. E agora, como fazer o formato de ensino remoto funcionar?

As orientações dadas pelo Ministério de Educação (MEC), a respeito do fim do isolamento e a volta às aulas, mostravam o descompasso de como resolver o problema, assim que a pandemia passasse. Dentre as soluções apontadas estavam o reforço aos sábados ou aulas no contraturno. Porém, como proceder, uma vez que muitos professores trabalham em outros turnos e em outras escolas? E o ensino na modalidade integral, como ficaria? Mais perguntas surgiram e ficaram sem resposta, pois a realidade foi que o isolamento durou mais que o previsto.

Outro fator preocupante relatado por Gragnani (2020) foi o desespero dos estudantes, especialmente os do terceiro ano do ensino médio, cogitando a possibilidade da reprovação, para que pudessem refazer a série no próximo ano, na modalidade presencial. Além de falar sobre a desmotivação dos alunos – que se deve não só ao fato da adesão ao ensino remoto, uma vez que há um contexto social envolvido com pais desempregados e muitas famílias passando necessidades –, a matéria ainda menciona o fato de muitos alunos estarem sem conectividade, o que impossibilita a participação nas aulas propostas na plataforma.

Quanto a isso, Araújo (2007, p. 516) afirma que “o grande problema da educação está no modelo de ciência, predominante num certo momento histórico, nas teorias da aprendizagem que o fundamentam

e que influenciam a prática pedagógica”. Dessa forma, a autora fez uma crítica aos cursos on-line em que, muitas vezes, “a atuação dos alunos restringe-se apenas a virar páginas eletrônicas e a responder exercícios mecânicos, sem maior compreensão do que está sendo estudado.” (ARAÚJO, 2007, p. 517). Tal posicionamento nos faz refletir sobre quais as metodologias nós, docentes, temos utilizado com nossos alunos, especialmente quando o ensino remoto foi adotado por boa parte das instituições de ensino e se eles têm compreendido os assuntos estudados.

3. Metodologia

O estudo realizado apresenta um caráter qualitativo que, de acordo com André e Lüdke (2014), possibilita a busca de novas respostas ao passo que se tem a possibilidade de novos questionamentos que contribuam para o desenvolvimento da própria pesquisa, uma vez que o conhecimento é um processo de construção.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário composto por três questões, sendo 2 objetivas e 1 discursiva. De acordo com Goldenberg (2004, p. 87), entre as vantagens do questionário estão o fato de ele poder ser aplicado a um grande número de pessoas e “os pesquisadores se sentem mais livres para exprimir opiniões que temem ser desaprovadas ou que poderiam colocá-los em dificuldades”. Assim, o questionário foi aplicado a 199 alunos pertencentes a oito turmas do ensino médio em um colégio estadual no interior do estado do Rio de Janeiro. Destes, apenas 113 responderam, o que corresponde a aproximadamente 57% da amostra.

Trata-se de um relato de experiência, em que as autoras são docentes dos alunos participantes dessa pesquisa. Por esse motivo, no decorrer do texto, o ponto de vista do professor é posto frente às colocações e/ou inquietações dos alunos.

A investigação teve início na segunda quinzena de abril de 2020, utilizando a ferramenta “Google Forms”² da própria plataforma Google Classroom, logo após o início da implementação do ensino remoto nas escolas estaduais do Rio de Janeiro. O objetivo deste relato de experiência foi conhecer um pouco mais a realidade dos alunos que acessam a plataforma, buscando identificar as possíveis contribuições e limitações de seu uso, segundo a percepção dos discentes.

4. Resultados e Discussões

As respostas obtidas com o questionário aplicado aos estudantes foram analisadas e representadas nos gráficos abaixo. Elas contribuíram para gerar dados que mostram como os alunos têm acessado a plataforma de estudos e a percepção deles acerca desse novo método de aprendizagem.

Por meio da primeira pergunta, buscou-se conhecer o principal recurso tecnológico utilizado pelos estudantes para acessar a plataforma. O gráfico abaixo ilustra o resultado obtido.

² “O Google Forms é um serviço gratuito para criar formulários online. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções” (BJORA, 2018, grifo do autor).



Gráfico 1: Formas de acessar a plataforma

Fonte: As autoras.

Percebemos que a maioria dos alunos usa o celular para o acompanhamento das aulas. Isso explica uma das dificuldades dos alunos em realizar algumas das atividades, especialmente as que exigem edição de textos. O gráfico mostra ainda que, apenas 4% deles sinalizaram ter acesso aos dois recursos (celular e computador).

A segunda pergunta refere-se ao tipo de internet utilizada pelos estudantes para o acesso e a realização das atividades propostas na plataforma.

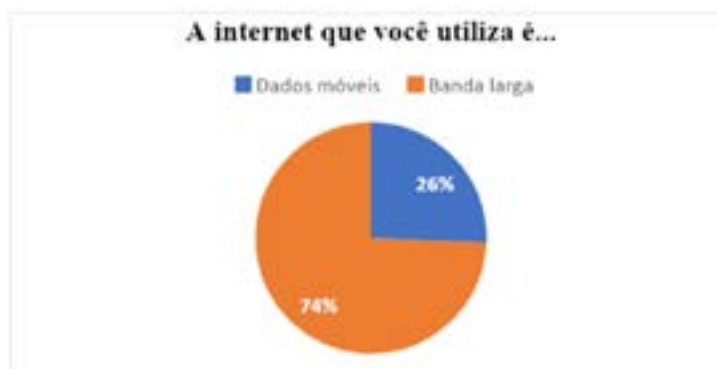


Gráfico 2: Internet usada pelos alunos

Fonte: As autoras.

Aqui, percebe-se que a maioria dos alunos que se conecta à plataforma tem acesso à internet por meio da banda larga. São aqueles que, geralmente, realizam todas as atividades dentro do prazo estabelecido pelos professores. Boa parte dos estudantes que usam os dados móveis apresenta dificuldade em manter uma regularidade no acompanhamento das atividades propostas, alegando não ter condições financeiras. Ao responderem à questão 3, foi possível observar algumas falas referentes à internet:

Toda semana tô gastando dinheiro pra comprar cartão de internet nem toda semana vai dá pra comprar internet. Os professores tão passando muito devê em um dia [...] (Aluno I).

Têm vez que gasta a internet quase toda e não vai na hora de enviar o trabalho (Aluno II).

Com a terceira pergunta, que foi discursiva, buscou-se identificar a maior dificuldade em utilizar a plataforma como um recurso de aprendizagem e seus benefícios. Ao responderem a essa pergunta, os estudantes puderam falar abertamente sobre suas próprias dificuldades e/ou limitações para o uso da plataforma.

Entre as respostas dos alunos estava a dificuldade em manusear a plataforma; o acesso à internet, já que muitos não tinham conexão wi-fi; a falta do feedback do professor; a maneira como a plataforma estava organizada; a dificuldade por não ter o professor para tirar suas dúvidas durante a realização dos exercícios; realizar os exercícios pelo celular; acúmulo de trabalhos e envio das atividades pela plataforma. Alguns citaram o fato de se sentirem mal por passar muitas horas diante da tela do computador.

A maior dificuldade no início foi eu conseguir acessar, com muito custo consegui. As dificuldades pra mim é que eu tenho que passar a maior parte do meu tempo na frente da tela do computador, muitas vezes me causa dor de cabeça, prejudica minha vista, como uso óculos (Aluno III).

Muitos alunos relataram a dificuldade em utilizar o editor de texto no smartphone, pois não conseguiam usar os símbolos para responder às questões nas disciplinas de exatas. Com isso, muitos docentes pediam para que os alunos realizassem as atividades no caderno e postassem a foto dos exercícios. Essa foi uma das formas que os professores de Matemática, por exemplo, encontraram para acompanhar o desenvolvimento das atividades realizadas pelos seus alunos, no entanto, alguns alunos relataram outras dificuldades.

Tenho muita dificuldade também em acessar pelo celular, e nem sempre consigo anexar as imagens. Vou fazer os trabalhos e exercícios pedidos no caderno e também copiar as matérias enviadas por essa plataforma, caso volte as aulas eu tenho tudo no caderno, já que tenho dificuldade nessa plataforma!!(Aluno IV).

Minha maior dificuldade é ter que usar o Word e o aplicativo de PDF. É tanta a dificuldade que sempre estou enviando comentário privado nos deveres que precisam abrir pelo Word, e estou notificando os professores quando mando comentário no privado. (Espero que aceitem no comentário privado) (Aluno V).

Passar as contas para o computador por causa dos sinais e não estou conseguindo postar as fotos do caderno (Aluno VI).

A reclamação ligada aos professores se referia à comunicação entre os estudantes e os docentes. Devido ao fato de o aluno nem sempre estar on-line durante o horário da aula, quando ele ia realizar as atividades, ao ter dúvidas, mandava mensagem e o professor não via no mesmo tempo. O professor, por sua vez, quando tinha alguma dúvida relacionada à resolução do aluno, não conseguia contato, pois este, na maioria das vezes, não via a mensagem que o professor havia postado em comentário particular na plataforma.

[...] uma outra dificuldade que tenho é a comunicação com os professores no comentário particular, eles não respondem e quando respondem já passou a minha dúvida (Aluno VII).

Com isso, muitos professores tentaram usar outros aplicativos de mensagens, fora da plataforma "Google sala de aula", tais como: o Hangouts, Messenger, WhatsApp, para tentarem auxiliar esses alunos e, mesmo assim, esta reclamação se perpetuou por todo o ano letivo.

Pelo fato de não estarem acostumados com essa rotina de estudo, muitos alunos deixavam as atividades para serem realizadas em outro momento e acabavam perdendo o prazo, ou mesmo não davam conta da demanda pelo acúmulo de atividades (de todas as matérias), o que acabou desmotivando alguns deles. Para Alves (2020, p. 256), “crianças e adolescentes vêm resistindo a essa rotina, pois acreditam que estão de férias, já que estão em casa”. Ou seja, não se adaptam à sincronicidade. Segundo Dessen e Polônia (2007), na escola, o aluno tem uma rotina, inclusive em relação ao horário do intervalo e do lanche. Além disso, a escola é “um espaço em que o indivíduo tende a funcionar de maneira preditiva, pois, em sala de aula, há momentos e atividades que são estruturados com objetivos programados e outros mais informais” (DESSEN; POLÔNIA, 2007, p. 26). Entre os relatos de atividades acumuladas e a dificuldade para compreender a matéria, estão:

Dúvida de alguns exercícios entre si, sentido falta da explicação... (Aluno VIII).

Ter muitas atividades acumuladas [...] (Aluno IX).

A comunicação de aluno e professor, além das dificuldades para entender e fazer a matéria (Aluno X).

O que dificulta mesmo são os trabalhos todos publicados de uma vez e com o mesmo prazo de entrega (Aluno XI).

Eu estou tendo dificuldades para conciliar o tempo, para poder entregar tudo em dia. Como estou em casa por esse período tem sido difícil conciliar tudo (Aluno XII).

Entender as matérias. Como não tem o professor fisicamente, acabo não tendo essa relação direta e não consigo tirar dúvidas como tiro pessoalmente. A aula on-line não chega nem perto da presencial (Aluno XIII).

Por outro lado, o professor também ficava em uma situação complicada, pois apesar de estabelecer prazos para a realização dessas tarefas, não sabia que decisão tomar quando o aluno dizia que não havia feito devido aos problemas com a internet ou pela falta de um aparelho (computador ou celular). Assim, muitos docentes optavam por estender os prazos para a entrega, buscando motivar os estudantes a realizarem a tarefa.

Constantemente, os professores tentavam explicar o conteúdo por meio de aulas no Meet3. Porém, muitos alunos não participavam, sempre alegando os problemas estruturais já relatados. E para o professor também não era fácil, pois muitos deles não dispunham de quadro branco e sequer sabiam como utilizar os recursos para que essa aula tivesse sucesso, então colocavam vídeos explicativos, listas de atividade entre outros.

Dessa forma, assim como já abordado por Araújo (2007), corria-se o risco de o aluno, apesar de estar em um ambiente virtual, apenas resolver os exercícios de forma mecânica, sem muitas vezes compreender o conceito envolvido na questão. Os alunos sinalizaram a mudança relacionada à nova forma em que os professores estavam apresentando os conteúdos como sendo uma dificuldade:

[...] A diferença de método utilizado pelos professores para apresentar matérias e os deveres (Aluno XIV).

Eu leio, releio, mas não entendo, vejo vídeos, mas não entendo, socorro, prof! (Aluno XV).

3 “O Google descreve o Meet como ‘uma experiência de videoconferência com um objetivo: facilitar a participação em reuniões’. A empresa queria melhorar o Hangouts para tornar mais fácil e rápido as pessoas iniciarem e participarem de videoconferências” (TILLMAN, 2020, grifo da autora).

Entre os recursos digitais oferecidos pela plataforma, os alunos destacaram as videoconferências, realizadas no Meet, como o recurso que mais contribuiu para a aprendizagem devido ao contato com o professor e com os colegas, uma vez que podiam esclarecer as dúvidas sobre exercícios e conteúdos que não conseguiram compreender. Por meio desse recurso, o professor compartilhava a tela realizando as atividades junto aos estudantes ao mesmo tempo em que as explicava. Tais reuniões promoviam uma interação entre eles, ora perdida devido à obrigatoriedade do isolamento. Este fato vem reforçar a importância da interação social para o desenvolvimento humano. De acordo com Dessen e Polonia (2007):

Na escola, as crianças investem seu tempo e se envolvem em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida) e aos informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer). Contudo, neste ambiente, o atendimento às necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais é realizado de maneira mais estruturada e pedagógica do que no de casa. As práticas educativas escolares têm também um cunho eminentemente social, uma vez que permitem a ampliação e inserção dos indivíduos como cidadãos e protagonistas da história e da sociedade. A educação em seu sentido amplo torna-se um instrumento importantíssimo para enfrentar os desafios do mundo globalizado e tecnológico (DESSEN; POLÔNIA, 2007, p. 29).

Essa experiência no Meet faz uma tentativa de se assemelhar ao formato presencial. E teria sucesso se todos os estudantes conseguissem participar daquelas aulas síncronas, através das quais os professores podiam usar aplicativos como o Geogebra4 e, ainda que os alunos não pudessem manipulá-los, o professor, por meio do compartilhamento da tela, podia apresentar de modo dinâmico alguns conteúdos como os de Geometria, por exemplo. Isso mostra que a sincronicidade se configura como um desafio para que educação se torne instrumento efetivo de aprendizagem globalizada e tecnológica.

Numa tentativa de minimizar essa desigualdade referenciada por Vianna (2009), algumas medidas relacionadas às dificuldades de acesso dos alunos da rede pública estadual foram criadas pela Secretaria de Educação (SEEDUC-RJ), ainda durante o ano letivo de 2020. Uma delas foi a utilização de apostilas que deveriam ser entregues nas casas dos alunos pelos correios, porém muitos alunos não as receberam e as escolas tiveram que fornecer cópias desse material.

Após a distribuição das apostilas impressas, percebeu-se uma queda no número de alunos que estavam enviando as atividades pela plataforma. Então, em meados de setembro, foi realizada, com esses mesmos alunos, uma enquete na qual eles deveriam relatar se ainda apresentavam algum tipo de dificuldade em relação ao uso da plataforma e percebeu-se uma redução de aproximadamente 34% na participação desses alunos. A minoria respondeu que não apresentava nenhuma dificuldade em utilizar a plataforma, e o restante continuou apontando como fatores limitantes à realização das atividades nesse veículo: o prazo de entrega, o acúmulo de atividades, o envio das tarefas (por fotos ou editados em texto), a dificuldade para tirar as dúvidas, a compreensão dos exercícios, problemas relacionados à internet, à falta de organização, dores de cabeça ou nas vistas. Todos esses fatores já haviam sido mencionados na primeira pesquisa realizada com esses estudantes, porém, surgiram novas abordagens, tais como o desânimo (antes não havia sido relatado) e a falta de um lugar tranquilo para estudar.

Falta de tempo e de um lugar tranquilo para poder estudar (Aluno XVI).

Ter ânimo e força de vontade (Aluno XVII).

Tempo, disposição, compreensão, distrações e me falta autonomia (Aluno XVIII).

A falta dos professores presentes (Aluno XIX).

4 Geogebra é um software gratuito de matemática dinâmica.

Não entendo a matéria e é muito complicado colocar as respostas nas questões[...] (Aluno XX).

Tais questionamentos foram abordados por Alves (2020), ao falar sobre a Educação remota para rede pública na Bahia, quando apontou a possibilidade de essa proposta se constituir em um grande equívoco, uma vez que a maioria dos estudantes “são oriundos de classes sociais mais baixas, sem acesso a tecnologias digitais, vivem em casas que têm pequenos espaços, onde muitas vezes não têm lugar para estudar.” (ALVES, 2020, p. 355). Para a autora, apesar de acreditarmos que as crianças e adolescentes têm facilidade para interagir com os recursos digitais devido às suas interações com jogos e aplicativos, a relação estabelecida nas plataformas digitais utilizadas na educação remota é diferente, podendo ser até desprazerosa.

4. Considerações Finais

Nesse estudo, buscamos identificar quais as percepções dos alunos em relação ao ensino remoto por meio da utilização da plataforma Google Classroom, durante a pandemia causada pela Covid-19, com o intuito de apontar quais as principais potencialidades e limitações desse novo formato de ensino.

Os resultados nos mostraram que o uso da tecnologia foi uma das alternativas encontradas pelos governantes para manter a aprendizagem dos alunos, utilizando um modelo inspirado na modalidade da EaD. Aos alunos que conseguiram ter acesso à plataforma e usufruir de todos os recursos digitais disponibilizados, o ensino remoto contribuiu para que a aprendizagem ocorresse por meio de vídeos, apresentações, material de leitura, uso de aplicativos entre outros. Esses alunos conseguiram manter certa interação com os professores por meio de mensagens ou pelas videoconferências. Mas não conseguiram interagir completamente, porque a falta de sincronicidade e o despreparo dos docentes tensiona essa prática do ensino remoto.

Por outro lado, essa estratégia apresentou limitações e não garantiu a igualdade de acesso e aprendizagem a todos os estudantes. Um dos problemas mais apontados que tem limitado a aprendizagem proposta pelo ensino remoto é a falta de conectividade. Isso acaba gerando uma desigualdade educacional. Os alunos mais carentes, não tinham condições de assistir às aulas, pois não tinham computadores ou celular à disposição, tampouco, internet para acompanhar a plataforma. Esse fato nos mostrou que a exclusão está fortemente presente. Daí, surgem várias inquietações, como lidar com os efeitos da pandemia e garantir o direito desses alunos, que muitas vezes, estão excluídos do mundo digital? Como garantir a igualdade, quando vemos uma família com 3 ou mais filhos tendo apenas um celular para todos estudarem? O que se tem percebido é que a inclusão digital segue a passos lentos no Brasil, e a pandemia veio reforçar isso.

Por meio dos relatos dos alunos, percebemos o quanto a interação social é importante para esses jovens; que a escola promove uma rotina que acaba auxiliando na organização dos alunos e é considerada por eles um espaço tranquilo para estudar; que, apesar de terem nascido em meio às tecnologias, muitos estudantes apresentam dificuldades para manipular esses recursos; que, mesmo diante de vários recursos digitais, o professor tem um papel importante para a aprendizagem dos alunos, uma vez que ele atua como mediador no processo de construção do conhecimento, agindo inclusive na motivação do aluno.

Referências

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.

- ARAÚJO, M. M. S. O pensamento complexo: desafios emergentes para a educação on-line. **Revista Brasileira de Educação**. Vol. 12, 36, 2007, p. 515-529.
- ARRUDA, E. P. EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede - Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 15 maio 2020.
- BACKES, M. T. S. et al. Novo coronavírus: o que a enfermagem tem a aprender e ensinar em tempos de pandemia?. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Edição suplementar, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v73s2/pt_0034-7167-reben-73-s2-e20200259.pdf> Acesso em: 23 mar. 2021.
- BANNELL, R. et al. **Educação no século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/PUC-Rio, 2016.
- BIJORA, H. **Google Forms: o que é e como usar o app de formulários online**. TechTudo, 2018. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/07/google-forms-o-que-e-e-como-usar-o-app-de-formularios-online.ghhtml>>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- BRASIL. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Brasília, DF, 2017**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm>. Acesso em: 23 mar 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **MEC orienta instituições sobre ensino durante pandemia**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/06/mec-orienta-instituicoes-sobre-ensino-durante-pandemia#:~:text=Para%20repor%20as%20aulas%20ao,programa%C3%A7%C3%A3o%20de%20per%C3%ADodos%20de%20f%C3%A9rias.l>>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- CARVALHO, A. A. A. Rentabilizar a Internet no Ensino Básico e Secundário: dos Recursos e Ferramentas Online aos LMS. Sísifo. **Revista de Ciências da Educação**, 03, p. 25-40, 2007. Disponível em: <<http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/59/74>>. Acesso em: 11 ago. 2020.
- DESSEN, M. A.; POLÔNIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências sociais**, 8ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GRAGNANI, J. Coronavírus: Alunos da rede pública planejam reprovar de propósito para 'aprender de verdade' em 2021. **BBC News Brasil**, 10 ago. 2020.
- Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53655833>>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **On the horizon**, v. 9, n. 5, 2001.
- TATAGIBA, J. S. **Jogos digitais educativos e o ensino da matemática: diferentes olhares e experiências**. 2017. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- TILLMAN, M. **O que são Google Meet e Chat e como funcionam?**. Pocket-lint, 2020. Disponível em: <<https://www.pocket-lint.com/pt-br/aplicativos/noticias/google/140512-o-que-sao-os-hangouts-e-os-bate-papos-nos-hangouts-como-eles-funcionam-e-quando-voce-pode-usa-los>>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- VIANNA, J. Educação à distância, inclusão e mobilidade social. In: **Interscienceplace**, Ano 2 - nº 05, fev 2009.